Religare, ISSN: 19826605, v.14, n.1, agosto de 2017, p. 90-108.

O discurso da saúde no espiritismo: do magnetismo à autocura

The health discourse in Spiritism: from magnetism to self-healing

Ângela Teixeira de Moraes[1]

Resumo

Este trabalho objetiva mostrar o percurso histórico do discurso espírita sobre saúde e suas práticas decorrentes, considerando a noção de *a priori histórico e arquivo* em Foucault. Parte da análise da literatura básica de Allan Kardec, cujas ideias se articulavam com o magnetismo em voga no século 19, passando pelas receitas homeopáticas, cirurgias espirituais, tratamentos menos intervencionistas e, atualmente, a autocura, com orientações em livros de autoajuda. Em cada uma dessas épocas, o Espiritismo se conformou à cultura terapêutica em que seus atores sociais estavam inseridos na Europa e no Brasil, sendo eles afetados, principalmente, pela busca de legitimidade de uma doutrina incipiente. Mas apesar das diferentes práticas de cura, permanece o pressuposto fundamental de que há uma estreita ligação ente o corpo material e o corpo espiritual, e que a doença é fruto do desequilíbrio mental, da obsessão, ou se instala a partir das consequências cármicas, advindas de outras vidas.

Palavras-chave: discurso, saúde, história do espiritismo

Abstract

This work aims to show the historical course of the spiritist discourse on health and its practices, considering the notion of a *priori history* and *archive* in Foucault. Part of the analysis of the basic literature of Allan Kardec, whose ideas were articulated with the magnetism in vogue in the 19th century, through homeopathic recipes, spiritual surgeries, less interventional treatments and, currently, self-healing, with guidelines in self-help books.
In each of these epochs, spiritism conformed to the therapeutic culture in which its social actors were inserted in Europe and Brazil, Being affected, mainly, by the search of legitimacy of an incipient doctrine. But despite the different healing

[1] Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Doutora em Letras e Linguística com ênfase em filosofia da linguagem e análise de discurso. E-mail: prof.atmoraes@gmail.com

practices, the fundamental assumption remains, that is, there is a close connection between the material and the spiritual bodies, and the disease is the result of mental imbalance, of obsession, or of the karmic consequences arising from past lives.

Keywords: discourse, health, history of spiritism

Introdução

As práticas de cura sempre fizeram parte das sociedades humanas. Muitas delas estiveram estreita e exclusivamente ligadas ao domínio religioso, até que a medicina se firmou como ciência, dividindo as responsabilidades no tratamento das doenças com esse campo. Curandeiros, pajés, sacerdotes e profetas disputam o espaço social onde ocorrem as ofertas de cura, desde a Grécia Antiga, cerca de 2.500 anos, quando ocorreram os primeiros experimentos de Hipócrates.

A busca pela legitimação de ambos os campos remete-se à própria origem da palavra "cura". Curar, em latim, significa literalmente "cuidar". Segundo Paiva (2007), cuidar da doença, ou do doente, significa ter cuidado para a saúde não se deteriorar ou o doente não piorar. Como o resultado do cuidado é, muitas vezes, o retrocesso da doença e a melhora do organismo, curar passou, por metonímia, a significar sarar. Nesse sentido, a medicina e a religião podem cuidar e conseguem resultados semelhantes, apesar da adoção de ritos, procedimentos e pressupostos diferentes.

Mas a tensão entre o campo científico e o campo religioso é persistente. Na Idade Média, a Igreja Católica impedia a dissecação de corpos visando ao estudo da anatomia por considerá-la um sacrilégio. Com a modernidade, médiuns e curandeiros, em geral, foram desautorizados pelos médicos com formação acadêmica, invertendo o pêndulo das crenças e da autoridade no exercício da cura.

Os discursos decorrentes dessa tensão são perceptíveis ainda hoje, apesar de haver certo "acordo de cavalheiros" entre essas duas formas de produção de

saberes sobre a saúde. Os protagonistas das terapias populares religiosas não são mais perseguidos pela polícia (desde que não se enquadrem na lei que tipifica o exercício ilegal da medicina), e até a medicina convencional já se interessa pelos estudos científicos da fé como propulsora da cura.

Com relação ao movimento espírita brasileiro, o processo não é diferente. O discurso do bem-estar e da saúde sempre esteve presente na literatura e nas práticas adotadas no País. Muitos dos seus ensinos têm caráter profilático, e os espíritas, especialmente os médiuns, têm o dever de ajudar os doentes que buscam os centros espíritas. Essa inscrição no campo terapêutico é vista tanto positiva quanto negativamente pela opinião pública, não muito diferente ao que acontece com outros religiosos que se dedicam ao saneamento das doenças.

É perceptível na história do desenvolvimento do espiritismo a prática religiosa com finalidade curadora. Essa prática esteve, muitas vezes, associada a uma outra já existente que lhe serviu de "fiança". Com experimentações iniciadas desde o século 18, na Europa, o magnetismo de Mesmer preparou o terreno para a tese espírita de que os fluidos podem curar, dando origem ao que hoje conhecemos por "passe". No Brasil, no final do século 19, a homeopatia esteve presente nas receitas emitidas por vários médiuns de cura que atuavam em centros espíritas. Cirurgias com corte e sem anestesia espantaram muitos céticos e popularizaram o espiritismo, tendo como principal expoente o médium José Arigó na década de 60. E mais recentemente, o discurso da cura espírita acompanha uma tendência mundial em torno da autoajuda e da autocura.

Todas essas fases em que uma ou outra prática terapêutica mostrou-se mais evidente foram possibilitadas por condições sócio-históricas que afetaram certo modo de entendimento por parte do espiritismo sobre o que é saúde e de que forma se pode alcançá-la. Neste trabalho, analisaremos cada uma delas, buscando identificar os discursos emergentes e as particularidades sociais que possibilitaram determinadas práticas. Antes, porém, faremos uma breve discussão do pressuposto teórico em que se filia este estudo.

1. A priori histórico e arquivo

O vetor histórico sempre esteve presente nos estudos sobre religião e há, basicamente, duas formas de se abordar a história. A primeira, a História Tradicional, é milenar, e concentra-se no relato dos grandes feitos, dos grandes homens, por meio da linearidade cronológica. Notadamente, privilegiam-se os acontecimentos transformadores da macroestrutura das sociedades, especialmente a política, a economia e a cultura. A segunda, denominada de Nova História, surgida na École dos Annales no século XX, na França, interessa-se por toda atividade humana, inclusive os fatos relacionados a convenções sociais, estereótipos, esquemas de pensamento e saberes diversos.

A História Tradicional foi abraçada pelos positivistas. Ela busca incessantemente os fatos históricos e sua comprovação empírica. A busca desses fatos deveria ser feita por pesquisadores neutros, evitando-se qualquer juízo de valor na análise, pois isso alteraria o sentido e a verdade própria dos fatos, modificando, pois, a própria História.

A Nova História desconstrói o mito da neutralidade do pesquisador, e não debita toda a glória pelas transformações sociais aos estadistas, inventores e artistas consagrados. Não privilegiando a política e os sistemas de produção massivos, seriais e irreversíveis, o olhar do historiador volta-se para as estruturas particulares (as microestruturas) e para o cotidiano. Pessoas comuns, alijadas dos grandes documentos, também fazem parte da história.

É dentro dessa última forma em que se inserem as reflexões de Michel Foucault sobre a história das ideias, quando este teve contato com essa forma de historiar, privilegiando outros sujeitos e acontecimentos sociais. O autor volta-se para a investigação dos acontecimentos discursivos que propiciam o surgimento de enunciados e também das práticas não-discursivas. Seus estudos concentram-se na identificação das condições históricas que favorecem a emergência de

discursos institucionalizados que se separam, se aderem e se modificam em relação a outros já existentes.

A priori histórico é a expressão utilizada por Foucault para determinar o objeto da sua descrição arqueológica no campo da história. Ela não designa a condição de validade dos juízos, nem busca estabelecer o que torna legítimo um enunciado, mas as condições que afetam vários discursos ao mesmo tempo. Os enunciados e os sentidos que dele emanam se inspiram em um mesmo arquivo de época.

O termo arquivo não diz respeito a um conjunto de documentos que uma sociedade acumula. "O arquivo é, antes de tudo, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o surgimento dos enunciados como acontecimentos singulares" (FOUCAULT, 2007, p. 147). Reafirmado em outra obra, o autor esclarece:

> Entendo por arquivo o conjunto dos discursos efetivamente pronunciados. Esse conjunto é considerado não apenas como um conjunto de acontecimentos que tiveram lugar uma vez por todas e ficaram em suspenso, no limbo ou no purgatório da história, mas também como um conjunto que continua funcionando, se transforma através da história, da possibilidade de aparecer de outros discursos. (FOUCAULT, 1999, p.772)

Não se pode descrever integralmente o arquivo de uma sociedade ou de uma civilização, por isso ele concerne a algo que é do sujeito. O sujeito se insere em um arquivo, e parte dele se transforma em memória discursiva que se manifesta nos ditos, mesmo com a ilusão da pura autoria.

Assim, o pressuposto teórico deste estudo é que os sujeitos responsáveis pela formação discursiva espírita se apropriaram de um arquivo discursivo sobre saúde, articulando e renegociando seus significados. O espiritismo estabelece uma lógica relacional e diferencial com relação a outros campos de saberes, fixando alguns sentidos, na direção de uma "fiança" discursiva, mas ao mesmo tempo constrói uma singularidade de dizeres para estabelecer sua identidade.

2. A influência de Mesmer

O alemão Franz Mesmer, nascido em 1734 e falecido em 1815, foi fundador da teoria do magnetismo animal chamada Mesmerismo. Estudou teologia e medicina, tendo uma tese de doutorado intitulada *Dissertatio physico-medica de planetarum influxu,* onde, pela primeira vez, usou o conceito de fluido universal. Allan Kardec, fundador do espiritismo fará uso dessa mesma expressão em 1857, adaptando-a para fluido cósmico universal, o FCU.

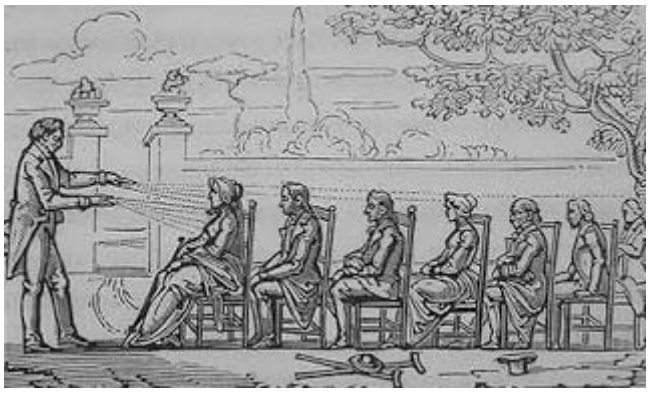

Figura 1: Método de cura de Mesmer. *Fonte: Site "Magnetismo"*[2]

A teoria de Mesmer foi, por diversas vezes, debatida pelas academias médicas europeias, porque ela vislumbrava a possibilidade de cura por meio da transmissão de fluidos vindos de uma outra pessoa. Mesmer dizia ainda que a terapia magnética dependia de outro sentido:

> O magnetismo animal deve ser considerado nas minhas mãos como um sexto sentido artificial. Os sentidos não se definem nem se descrevem: eles sentem. Seria em vão ensinar um cego de nascença a teoria das cores. É necessário fazê-lo ver, ou seja, sentir [...] Ele deve em primeiro lugar se transmitir pelo sentimento. O sentimento e apenas ele pode tornar a teoria inteligível. Por exemplo, um dos meus doentes, acostumado a provar os efeitos que produzo, tem, para me compreender, uma disposição a mais do que o restante dos homens. (MESMER apud, INEY, 2013).

[2] Disponível em: http://magnetizador.blogspot.com.br/2008/04/mesmer.html. Acesso 10 de maio de 2017.

Esse saber enunciado por Mesmer é revisitado por Allan Kardec, como vemos a seguir:

> O espiritismo liga-se ao magnetismo por laços íntimos, considerando-se que essas duas ciências são solidárias entre si. Os espíritos sempre preconizaram o magnetismo, quer como meio de cura, quer como causa primeira de uma porção de coisas; defendem a sua causa e vêm prestar-lhe apoio contra os seus inimigos. Os fenômenos espíritas têm aberto os olhos de muitas pessoas, que, ao mesmo tempo aderem ao magnetismo. Tudo prova, no rápido desenvolvimento do Espiritismo, que logo ele terá direito de cidadania. Enquanto espera, aplaude com todas as suas forças a posição que acaba de conquistar o Magnetismo, como um sinal incontestável do progresso das ideias (KARDEC, 2004, p. 421).
>
> O Magnetismo preparou o caminho do Espiritismo, e o rápido progresso desta última doutrina se deve, incontestavelmente, à vulgarização das ideias sobre a primeira. Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas não há mais que um passo; tal é a sua conexão que, por assim dizer, torna-se impossível falar de um sem falar do outro. Se tivéssemos que ficar fora da ciência magnética, nosso quadro seria incompleto e poderíamos ser comparados a um professor de física que se abstivesse de falar da luz. Todavia, como entre nós o magnetismo já possui órgãos especiais justamente acreditados, seria supérfluo insistirmos sobre um assunto que é tratado com tanta superioridade de talento e de experiência; a ele, pois, não nos referiremos senão acessoriamente, mas de maneira suficiente para mostrar as relações íntimas entre essas duas ciências que, a bem da verdade, não passam de uma (KARDEC, 2004, p. 149).

O que tem o Espiritismo a reelaborar sobre o magnetismo é que existe a possibilidade de intervenção dos espíritos no processo da cura. Ou seja, além da energia humana animal, existe uma energia a ela associada que provém de outra dimensão. Em O Livro dos Médiuns, Kardec (2002) reforça essa ressignificação, afirmando que existe a possibilidade de uma "potência oculta", e que pode se manifestar mesmo que o magnetizador não tenha treinamento. Vejamos uma definição mais recente do passe espírita:

> Passe é uma transmissão conjunta, ou mista, de fluidos magnéticos – provenientes do encarnado – e de fluidos espirituais – oriundos dos benfeitores espirituais, não devendo ser considerada uma

> simples transmissão de energia animal (magnetização) (MOURA, 2013, p.1).

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que o espiritismo se apoia ao magnetismo para usufruir de certa legitimidade científica atribuída pelos espíritas, ele constrói novos sentidos, a fim de autenticar uma identidade própria, e colocar a cura dentro de uma nova formação discursiva.

3. A homeopatia

A homeopatia também é anterior ao espiritismo. Seus princípios fundamentais foram estabelecidos pelo médico alemão Christian Friedrich Samuel Hahnemann no final do século 18. Sua obra fundamental, Órganon da Arte de Curar, foi publicada em 1810, quarenta e sete anos antes da publicação de O Livro dos Espíritos de Allan Kardec.

A proximidade entre esses dois campos de saber deve-se ao fato de a Homeopatia afirmar que a saúde se subordina à harmonia física, emocional e mental do indivíduo. A cura pela homeopatia, no entendimento espírita, se assemelha à efetuada pelo passe: o magnetismo é liberado da substância dinamizada, e ele é capaz de atingir o perispírito (corpo espiritual que envolve tanto os espíritos encarnados quanto os desencarnados). Em centros espíritas que desenvolvem atividades de cura, muitos médiuns que "incorporam" médicos desencarnados receitam fórmulas homeopáticas a doentes que os procuram.

Apesar de não ter conhecido Hahnemann pessoalmente, há referência a ele nos livros de Kardec. Em *Obras Póstumas* há duas consultas que Kardec lhe fez sobre questões doutrinárias. Em *O Evangelho segundo o Espiritismo* há uma mensagem atribuída ao pai da homeopatia, abordando o problema do temperamento, segundo ele subordinado muito mais às tendências do Espírito do que às características do corpo:

> O corpo não dá cólera àquele que não na tem, do mesmo modo que não dá os outros vícios. Todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao Espírito. A não ser assim, onde estariam o mérito e a responsabilidade? O homem deformado não pode tornar-se direito, porque o Espírito nisso não pode atuar; mas pode modificar o que é do Espírito, quando o quer com vontade firme. Não vos mostra a experiência, a vós espíritas, até onde é capaz de ir o poder da vontade, pelas transformações verdadeiramente miraculosas que se operam sob as vossas vistas? Compenetrai-vos, pois, de que o homem não se conserva vicioso, senão porque quer permanecer vicioso; de que aquele que queira corrigir-se sempre o pode. De outro modo, não existiria para o homem a lei do progresso (HAHNEMANN, 2013, p. 140).

Novamente percebemos um caso de fiança discursiva. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004), a autoridade citada funciona como apoio ao discurso proferido por um locutor para legitimar um dizer ou uma maneira de fazer. Fazer alusão a um discurso prestigioso ou especializado é uma estratégia argumentativa que confere autoridade a um enunciado e, nesse caso, o fundador da homeopatia surge como fiador do discurso espírita.

Ao dialogar com as ideias circulantes em sua época e que podiam corroborar com as de cunho espíritas, a fiança aqui teorizada advém de um ethos pré-discursivo, mostrado direta ou indiretamente nos enunciados presentes no texto. O autor do discurso, não necessariamente, assume o fiador do discurso de forma consciente. O texto revela as interlocuções, estabelece a lógica argumentativa interna, e cria condições de inteligibilidade, propiciando a produção de sentidos que favorecem determinada imagem.

A homeopatia foi muito importante para a afirmação do espiritismo no Brasil. Segundo Arribas (2010), um dos maiores expoentes da doutrina espírita no País, Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, descontente com a medicina alopata, começou ele mesmo a fazer uso da homeopatia. Segundo a autora, foram os próprios médicos espíritas os responsáveis pela introdução no Brasil da medicina homeopática no século 19.

Figura 2: Capa de livro espírita que associa a homeopatia ao espiritismo**.** *Fonte: Federação Espírita Brasileira*

Arribas (2010) diz ainda que o espiritismo brasileiro tem características formativas do tipo "religioso-terapêutico", seja para a cura da alma seja para a cura do corpo. Essas características, acrescidas da tendência caritativa, legitimaram as práticas espíritas que enfrentavam, no seu início, a perseguição de religiosos e autoridades públicas. Médiuns e médicos espíritas atendiam gratuitamente nas periferias da cidade do Rio de Janeiro, construindo uma imagem favorável da doutrina espírita no País desde então.

4. As cirurgias espirituais

As curas propiciadas pelo passe e pela homeopatia não convenceram muitos sobre a seriedade dos princípios espíritas, até porque não foram feitos muitos experimentos científicos capazes de comprovar a cura mediante a ação de espíritos desencarnados e energias magnéticas. Essa possibilidade ficou limitada, na maioria dos casos, à crença na cura, colocando o discurso da fé como promotora de bem estar físico ou psíquico.

Contudo, na primeira metade do século 20, um médium mineiro de Congonhas, José Arigó, impressionou religiosos e ateus com suas curas atribuídas ao espírito Dr. Fritz. A Igreja Católica ainda exercia inegáveis poderes

em todos os segmentos sociais no Brasil, e foi desafiada por um "caboclo matuto", e não um médico de prestígio como foi Bezerra de Menezes, ao tentar provar a existência dos espíritos e da sua capacidade de interferência no mundo dos vivos por meio da mediunidade.

Segundo a biógrafa de Arigó, Leida Lúcia de Oliveira (2014), o médium atendia no Centro Espírita Jesus Nazareno e viveu no seguinte contexto histórico:

> Assumir a mediunidade e o Espiritismo era abrir um espaço para vários tipos de retaliações sociais. Aconteciam humilhações, agressões, evitamentos e impedimentos dos mais diversos: não transitar no mesmo passeio que alguém que se assumisse espírita, não poder comprar em lojas cujos donos eram espíritas, não permitir a entrada de espíritas e dos seus familiares em escolas, eventos e festividades diversas. Mais do que um desafio, era um testemunho de intenso sacrifício pessoal (OLIVEIRA, 2014, p. 20).

Arigó foi condenado duas vezes e preso: uma por curandeirismo, outra por exercício ilegal da medicina. Segundo Pires (2007), em uma dessas ocasiões, o médium ficou livre da devido a um indulto do então presidente da República Jucelino Kubitschek, em 1958. Mas nenhum dos pacientes tratados pelo médium o denunciaram à justiça, isso ficou por conta de um padre e da Associação Médica de Minas Gerais. Hoje, com a nova Constituição, em vigor desde 1988, prioriza a liberdade religiosa, e tornou a fiscalização das cirurgias espirituais mais difícil.

O relato das curas atribuídas a Arigó vai desde a recuperação instantânea da saúde após uma ordem verbal ou um toque do médium, até o restabelecimento orgânico obtido medicações prescritas. Mas foram as cirurgias com instrumentos não esterilizados e sem anestesia que alavancaram comentários e coberturas na imprensa. Vejamos o seguinte depoimento:

> Eu tinha 7 ou 8 anos de idade quando assisti, pela primeira vez, uma cirurgia realizada pelo Dr. Fritz. Essa cena está grava em minha memória com todos os detalhes. Nós tínhamos um vizinho que era portador de um câncer no estômago. (...) Arigó mandou que ele se deitasse num banco que havia na cozinha. Sobre a mesa tinha uma faca de pão (de serra), ainda suja de migalhas. Arigó a

> pegou e com gestos rápidos, na altura do estômago, abriu o abdômen do doente. (...) Terminada a operação, o homem levantou-se do banco e foi embora andando normalmente, como se nada tivesse acontecido (OLIVEIRA, 2014, p.37).

A paranormalidade de José Arigó ficou conhecida em boa parte do mundo. A mídia internacional deu visibilidade à atuação do médium, enfatizando as intervenções cirúrgicas nada ortodoxas, como reproduzimos na figura a seguir.

INCREDIBILE MA VERO Congonhas do Campo (Brasile). In quest'immagine straordinaria un paziente si sottopone senza tremare al famoso coltello di Arigò, che raschia il bulbo oculare per togliere la cateratta. Incredibile ma vero, il malato non prova dolore. Arigò viveva a Congonhas, nello Stato di Minas Gerais.

Figura 3: Matéria publicada na revista italiana "Oggi" em 1976 sobre José Arigó**.** *Fonte: acervo de Jorge Rizzini*[3]*. Foto de Eros Biavati*

O médium não teorizou sobre a cura, como o fizeram os pioneiros do magnetismo e da homeopatia. Ele simplesmente servia de instrumento de cura, enquanto o Dr. Fritz despertava os doentes para que tomassem "novos rumos" na vida (OLIVEIRA, 2014). Dessa forma, o sentido da cura que se projeta nesse fenômeno tem o efeito de atingir os céticos e enfrentar os perseguidores do espiritismo

A autora afirma que o espiritismo no Brasil ainda era pouco divulgado no limiar do século 20. Com o surgimento de dois grandes médiuns brasileiros, Francisco Cândido Xavier e José Arigó "houve um despertar maior e um grande interesse de pesquisa sobre a mediunidade" (p. 38).

[3] Disponível em http://jorge-rizzini.blogspot.com.br/2011/04/curas-surpreendentes-do-medium-jose.html. Acesso em 10 de maio de 2017.

José Arigó, embora mais conhecido, não foi o único médium a operar nessas condições curiosas no Brasil. Atualmente, em Abadiânia, João de Deus mobiliza toda a estrutura da cidade em torno do seu trabalho espiritual. Como Arigó, nenhum paciente se submete à anestesia, e há aquelas realizadas com corte.

Essas manifestações da mediunidade de cura não são bem vistas por todos os espíritas. Embora Chico Xavier tenha se deixado fotografar com José Arigó em 1964, e incentivado João de Deus a continuar com seu trabalho, mediante um bilhete escrito em 1993[4], ele mesmo nunca se submeteu a uma intervenção espiritual com corte, apenas se submetia aos passes.

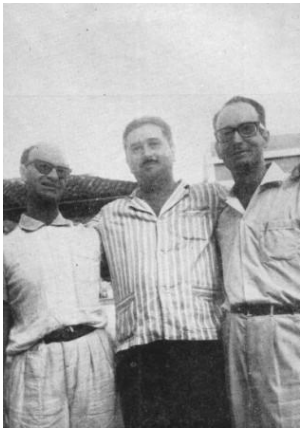

Figura 4: Foto de Chico Xavier (à direita) com os médiuns José Arigó e Waldo Vieira (*Fonte: site Autores Espíritas Clássicos*)

O conhecido orador espírita, Raul Teixeira, disse à Revista O Consolador que a utilização de instrumentos de perfuração ou corte não deve ser incentivada. Segundo ele, essa não a proposta da Doutrina Espírita. "Com todo respeito devido aos médiuns curadores que utilizam as facas, canivetes, bisturis, serras, agulhas, etc, cumpre saibamos que não é essa a finalidade de um centro espírita" (2009, s/p). Para ele, perfurações, cortes e extirpações de órgãos são de competência da medicina humana.

4 Esse bilhete foi mencionado pela Revista IstoÉ na edição 2201, em 2012, em ampla reportagem publicada sob o título "Os poderes de João de Deus". Disponível em: http://istoe.com.br/186615_OS+PODERES+DE+JOAO+DE+DEUS/

5. A AME e a autocura

Recentemente, o discurso sobre a saúde no espiritismo adotou um viés mais científico e psicológico, especialmente com a criação da Associação Médico-Espírita do Brasil (AME). Ela foi fundada em São Paulo no ano de 1995, durante a realização do Mednesp-95 - 3º Congresso Nacional de Médicos Espíritas - realizado pela Associação Médico-Espírita de São Paulo, instituição pioneira que existia desde 1968.

A aproximação maior com o campo científico se dá em torno de debate entre "medicina e espiritualidade" (este é também o nome da revista publicada pela entidade), mediante a realização de congressos e divulgação de pesquisas científicas mundiais, protagonizadas ou não por estudiosos espíritas, mas que sugerem uma estreita relação entre saúde e equilíbrio espiritual.

A AME (2012) tem feito gestão junto às universidades, incentivando a criação de grupos de pesquisa, a partir dos seguintes argumentos:

a) O paradigma materialista é fator limitante do campo de possibilidades da ciência frente à busca pela compreensão do Ser e da sua essência;
b) A estruturação da educação em saúde voltada para tratar doenças e não compreender doentes é equivocada;
c) A definição de vida baseada no materialismo desconsidera a compreensão de uma dimensão do Ser humano para além do corpo físico;
d) A Espiritualidade é um importante aspecto da experiência humana, que toca em múltiplas dimensões da vida, podendo ou não levar ao desenvolvimento de uma religião, sendo integrativa, permitindo o diálogo fraterno dentre os diversos pontos de vista, fortalecendo e estimulando a humanização na Saúde;
e) A Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec é um caminho de visão científica e filosófica para a reativação do paradigma espiritualista.

Outra característica da instituição é seu movimento de divulgação internacional. A AME já organizou congressos em Lisboa (Portugal), Genebra (Suíça), Londres (Inglaterra), Viena (Áustria), Bonn (Alemanha) e Lille (França). Apesar de sua identidade espírita, faz interlocução com profissionais e

estudiosos da saúde espiritualistas, desde que suas pesquisas convirjam para os postulados kardequianos.

A AME tornou-se uma associação profissional de referência no movimento espírita e fora dele. Ao agregar representantes de uma profissão de prestígio, estabelece um lugar de fala autorizado, possibilitado ainda pelo crescente interesse humano em buscar terapias alternativas, aquelas que se diferenciam das abordagens materialistas alopatas.

Figura 4: Cartaz sobre evento promovido pela AME. *Fonte: site da AME-SP*[5]

Segundo Machado (2015), a AME tem a finalidade de contribuir com o estudo científico da Doutrina Espírita, "relacionando-o com seus campos filosófico e religioso, sob o olhar da saúde integral, assim como apoiar as universidades que desejam desenvolver esse tipo de trabalho" (p.9). Novamente, vê-se o discurso fundador do espiritismo estabelecendo o tangenciamento científico das ideias religiosas e filosóficas, sedimentando o alicerce tríplice evocado como constituinte da Doutrina de Kardec.

Dentro desse princípio, uma abordagem que vem crescendo entre esses profissionais é a autocura. Partindo de fundamentos psicológicos, a proposta vai

[5] Disponível em: http://www.amesaopaulo.org.br/. Acesso em 10 de maio de 2017.

além da terapêutica espírita tradicional, tais como a oração, o passe magnético, a água fluidificada e a desobsessão. O discurso centra-se no indivíduo doente como responsável por sua própria cura:

Segundo Moreira (2013), o autoconhecimento é o caminho para a autocura:

> Amar-se é ir ao encontro de si mesmo.O autoconhecimento é propiciador da base para o autoamor. Amar-se (...) significa ser indulgente consigo mesmo, paciente diante dos desafios e perseverante perante a luta por autodomínio e autossuperação. Aquele que se ama se acolhe com generosidade, permitindo-se ser o que é, valorizando seus aspectos luminosos, sua beleza interior, enquanto luta para ser aquilo que deve ser ou que deseja ser (MOREIRA, 2013, p. 177).

O discurso da autocura se entrelaça com o discurso da autoajuda. Tem origem no enunciado milenar cristão "Ajuda-te que o céu te ajudará", mas só agora, na sociedade contemporânea, alcança outras áreas como os negócios e a medicina. Ele também está associado à prática da caridade como forma de se obter paz e resistência espiritual:

> O bem realizado em prol do semelhante é o maior e melhor advogado da criatura em todas as circunstâncias da vida. Quando o ser se esforça para se conectar ao amor, essência da vida, todo o universo conspira em seu favor, estimulando-o e auxiliando-o no que se fizer necessário, visto que esse e o movimento fundamental da cura (MOREIRA, 2013, p.129).

> O amor de Deus é incondicional, mas se faz mais perceptível ao ser que entra em sintonia com Ele. (...) ao ser que ama ou que se esforça por amar, beneficiando a coletividade, há um incremento de amparo e misericórdia na recuperação da saúde, em função do efeito na comunidade (MOREIRA, 2013, p.129-130).

A princípio, esse discurso se assemelha àquele que busca a graça a partir de uma negociação com Deus para a troca de favores, comum também em outras religiões cristãs. Mas no sentido espírita, a caridade tem o poder de atrair a companhia de espíritos superiores que possam ajudar o doente, porque este se encontra mais acessível psiquicamente à influência de bons pensamentos, além

do que ele percebe que outros estão na mesma ou em pior situação que ele. Isso estimula situações onde haja identidade compartilhamento de sentimentos, acrescidas da sensação de ter realizado algo de bom, com reconhecimento e gratidão por parte daquele que é alvo da ajuda.

Salgado (2013) advoga que a maior parte das enfermidades humanas tem origem no psiquismo do ser imortal, o espírito. Transtornos mentais, como a depressão, a dependência química e a anorexia devem ser compreendidos a partir de uma abordagem espiritual, em que o doente tem posição ativa em sua cura. Ela afirma, por exemplo, que o nível de envolvimento religioso tende a estar inversamente relacionado a quadros depressivos, pensamentos e comportamentos suicidas. A espiritualidade, acrescenta a autora, é o fenômeno que garante ao ser a proteção das boas emoções e, por consequência, a conquista da saúde integral.

Cerqueira Filho (2010) é outro médico que disserta sobre a autocura. Para ele, esta depende da autoconsciência (a consciência plena do espírito que se auto-iluminou), do controle do pensamento e da vontade. Para ele, se o indivíduo consegue mobilizar sua energia mental positivamente, ele engendra um movimento saudável em relação à vida. "Quando o pensamento está mal direcionado, produz viciações mentais que perturbam o ser e leva a pessoa a conflitos e dificuldade emocionais graves" (p. 7).

Considerações finais

Este estudo teve o objetivo de identificar as diferentes práticas discursivas e não discursivas do espiritismo em torno da saúde. Verificou-se que as condições sócio-históricas favoreceram o surgimento de um modo de pensar e agir espíritas, e que foram responsáveis por um processo de legitimação social e científica da Doutrina de Kardec.

Do ponto de vista da legitimação social, as curas empreendidas pelos médiuns popularizaram o espiritismo, especialmente as camadas mais pobres da

sociedade ou aqueles desenganados pela medicina tradicional. Os espíritas que também são médicos emprestam sua autoridade ao campo religioso, minimizando preconceitos e até perseguições.

Quanto à legitimidade científica, o discurso espírita buscou se apoiar em experiências e estudos que conseguiam dialogar com seus princípios, aproveitando os saberes disponíveis em cada época para propor suas terapias. Isso aconteceu com o magnetismo, a homeopatia e a psicologia positiva (autocura). Entidades médicas especializadas foram criadas pelo movimento espírita, aproximando-as das instituições universitárias e institutos de pesquisa, principais referências científicas na atualidade.

As cirurgias espirituais empreendidas pelo médium José Arigó também foram importantes para aguçar a curiosidade popular e científica em torno da mediunidade. O fenômeno baseava-se na cura de doenças mediante cortes sem anestesia, atribuindo-se aos espíritos (no caso, o Dr. Fritz) a responsabilidade pelo diagnóstico, assepsia e bloqueio da dor.

Independente dos diferentes momentos históricos, pode-se concluir que a saúde, para o espiritismo, é dependente da aceitação de uma dimensão espiritual do ser humano, o que implica a aceitação dos seguintes princípios e práticas: a) existe vida após a morte, e os espíritos podem interagir com os vivos (os espíritos imperfeitos podem influenciar na instalação de doenças, e os superiores podem ajudar a curá-las); b) muitas doenças atuais são resultados de atos negativos praticados em vidas passadas; c) o passe, a desobsessão, as cirurgias espirituais (com ou sem corte), e o receituário homeopático são algumas das terapias disponíveis nos centros espíritas; e d) a caridade, o pensamento positivo e a transformação moral do indivíduo constituem a terapia mais eficiente e capaz de promover um bem-estar mais duradouro.

Referências

ARRIBAS. Célia. *Afinal, espiritismo é religião?* São Paulo: Alameda, 2010.

ASSOCIAÇÂO MÈDICO-ESPÌRITA DO BRASIL. *Você quer montar um departamento acadêmico em sua Universidade?*. São Paulo, 2012. Disponível em: http://www.amebrasil.org.br/2015/node/13. Acesso em 27 de fev de 2016.
CERQUEIRA FILHO, Alírio. Energia mental e autocura. Santo André: EBM, 2010.
CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso.* São Paulo: Contexto, 2004.
FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. v. 1
FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber.* Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
HAHNEMANN. Samuel. A cólera. In: Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Brasília: FEB, 2013, p. 138-140.
INEY, Lúcia. *Magnestismo: o campo de energia universal*. Espirit Book, 2013. Discponível em: http://www.espiritbook.com.br/profiles/blogs/magnetismo-o-campo-de-energia-universal Acesso em 10 fev 2016.
KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Araras: IDE, 2002.
KARDEC. Allan. Magnetismo e Espiritismo. In; *Revista Espírita*, Ano I, 1858. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB, 2004, p. 148- 150 Disponível em: http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1858.pdf. Acesso em 21 de fev de 2016.
KARDEC. Allan. Emprego Oficial do Magnetismo animal. In; *Revista Espírita,* Ano I, 1858. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB, 2004, p. 419-424. Disponível em: http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1858.pdf. Acesso em 21 de fev de 2016.
MACHADO, Higor Rodrigues. Visualização da AME e do seu departamento acadêmico enquanto um braço do movimento espírita. IN: *Diretrizes de Ação*. São Paulo: AME Brasil, 2015, p. 9-10.
MOREIA< Andrei**.** *Cura e Autocura***.** Belo Horizonte: Ame Editora, 2013.
MOURA, Marta Antunes. *O que é passe espírita?* Brasília: Feb, 2013. Disponível em: http://www.febnet.org.br/blog/geral/colunistas/o-que-e-passe-espirita. Acesso em 21 de fev de 2016.
O CONSOLADOR. Revista Semanal de Divulgação Espírita. Ano 3 - N° 112 - 21 de Junho de 2009. Disponível em: http://www.oconsolador.com.br/ano3/112/raulteixeiraresponde.html.
OLIVEIRA, Leida Lúcia. *Cirurgias Espirituais de José Arigó*. Belo Horizonte: Ame Editora, 2014.
PAIVA, Geraldo José de. Religião, cura e psicologia. In*: Estudos de Psicologia I.* Campinas: USP, 2007, p. 99-104.
PIRES, José Herculano. *Arigó, Mediunidade e Martírio*. São Paulo: Paideia, 2007.
SALGADO, Márcia Regina Colasante. *Saúde Integral*: uma interação entre ciência e espiritualidade. São Paulo: AME-Brasil, 2013.